

Vidal recria mais um capítulo da saga americana

Idéias abstratas superam literatura em romance histórico sobre o movimentado ano da independência dos Estados Unidos

1876 de Gore Vidal. Tradução de Rubens Figueiredo. Editora Rocco, 468 páginas, R\$34

Sergio Augusto

Gore Vidal detesta ler ou ouvir dizer que é o melhor de ensaio e papo do que de ficção. Mas isso é uma verdade (ou um truismo) que só ele parece não aceitar. Seus romances, em geral, são ensaios disfarçados, a forma menos nobre, digamos assim, do que os franceses batizaram de "roman d'idées". São romances cujas idéias abstratas (em circulação nos diálogos, nos monólogos e nas rumações do narrador) superam amplamente as idéias literárias (invenções narrativas, ousadas estilísticas etc.). Também lhes falta aquela dose de emoção que os verdadeiros grandes escritores são capazes de provocar. "1876", que acaba de ser traduzido entre nós com 21 anos de atraso, é, nesse sentido, um romance exemplar: tem idéias, discussões e opiniões sobre o poder e a corrupção, mas atravessadas por suas 464 páginas só será um prazer para quem estiver bastante interessado no que aconteceu na América no ano do centenário de sua independência.

Romance faz parte de uma saga americana

Parte da crônica (ou saga) americana a que Gore Vidal vem se dedicando há três décadas, "1876" é a continuação de "Burr", obra ficcional também narrada por Charles Schermerhorn Schuyler, intelectual nova-iorquino que em certos aspectos lembra Henry James e, em outros, o seu supergênero, Gore Vidal, embora o seu designio — como o de Vidal — seja igualar-se ao russo Turguêniev. Ainda que avise ter colocado no papel apenas "anotações avulsas" sobre o cotidiano de seu país em 1876, Schuyler na verdade escreveu um romance sobre a temporada em que os americanos, além de celebrarem cem anos de república, elegeram o seu 19º presidente, montaram uma exposição internacional na Filadélfia, leram pela primeira vez "As aventuras de Tom Sawyer" e tiveram de engolir a derrota do general Custer em Little Big Horn. Um romance mais à maneira de ingleses do início do século, como John Galsworthy e Arnold Bennett, do que à maneira de Turguêniev.

Vidal abusou da licença poética. Nem mesmo no final do século passado alguém escreveria um diário de forma tão rebuscada, tão novelística, como Schuyler,

virtualmente, fez.

Filho ilegítimo de Aaron Burr (brilhante e controverso vice-presidente dos Estados Unidos, célebre, acima de tudo, por ter matado Alexander Hamilton num duelo, em 1804), Schuyler está de volta à sua cidade natal depois de passar 38 anos na Europa. Sente-se como um avatar de Rip Van Winkle, comparação que, a exemplo de Burr e Madame Sans-Gêne, o correto tradutor Rubens Figueiredo misteriosamente deixou de identificar em suas notas de rodapé (personagem de um clássico relato de Washington Irving, Rip Van Winkle era um colono que adormecia nas montanhas de Catskill, após beber a poção mágica de um anão, e despertava 20 anos mais tarde numa América totalmente diferente, independente).

Oficialmente, Schuyler veio trazer os restos de uma missão diplomática que o ex-presidente Martin Van Buren, outro filho ilegítimo de Burr, lhe encomendara. De quebra, além do pouco que a recente crise econômica lhe deixara, trouxe a filha única, Emma, nascida 35 anos antes na Itália (curante um túbão que quase levou a parteira a estrangular o bebê no cordão umbilical) e viúva de um príncipe francês falido.

Sobretudo por seu título nobiliárquico, Emma, uma espécie de Daisy Miller às avessas, causará grande sensação nos salões da alta sociedade nova-iorquina, mais do que nunca dominada por miliardários deslumbrados pela aristocracia europeia. Naquela época, os Astors e os Vanderbilts não passavam de novos-ricos. E ainda havia cabras pastando em algumas ruas de Manhattan.

Uso discreto de detalhes enriquece o livro

Também naquela época, quem dava as ordens na Casa Branca era o general Ulysses Grant, herói supremo da Guerra de Secessão, reeleito presidente três anos antes mas já imerso num mar de lama. Tudo indicava que o governo de um novo York, o democrata Samuel Jones Tilden, bem-sucedido no cruzado contra a corrupção no seu Estado, derrotaria o republicano Rutherford B. Hayes — não por acaso chamado de Rutherford B. Hayes — nas próximas eleições presidenciais. Hayes, contudo, acabaria vencendo Tilden por apenas um voto, no mais fútil pleito da História americana. Nem sempre esses personagens aparecem em "1876" como Pilatos no Credo. Schuyler chega a privar da intimidade de Tilden, por cuja vitória torce, de olho na embaixada dos Estados Unidos em Paris.

Apesar das cabras vadias, é uma Nova York mais cosmopolita e moderna que Schuyler reencontra nos últimos meses de 1875. Ruas repletas de ônibus, carruagens, postes telegráficos, vagões a vapor, elevadores, lojas de departamentos e charutarias que às vezes não passavam de fachadas para bordéis de alto luxo. Washington Square ainda se chamava Parade Ground, e o mais elegante restaurante da cidade era o Delmonico's da Rua 14 com a Union Square, onde então também ficava a sofisticada Livraria Brentanos.

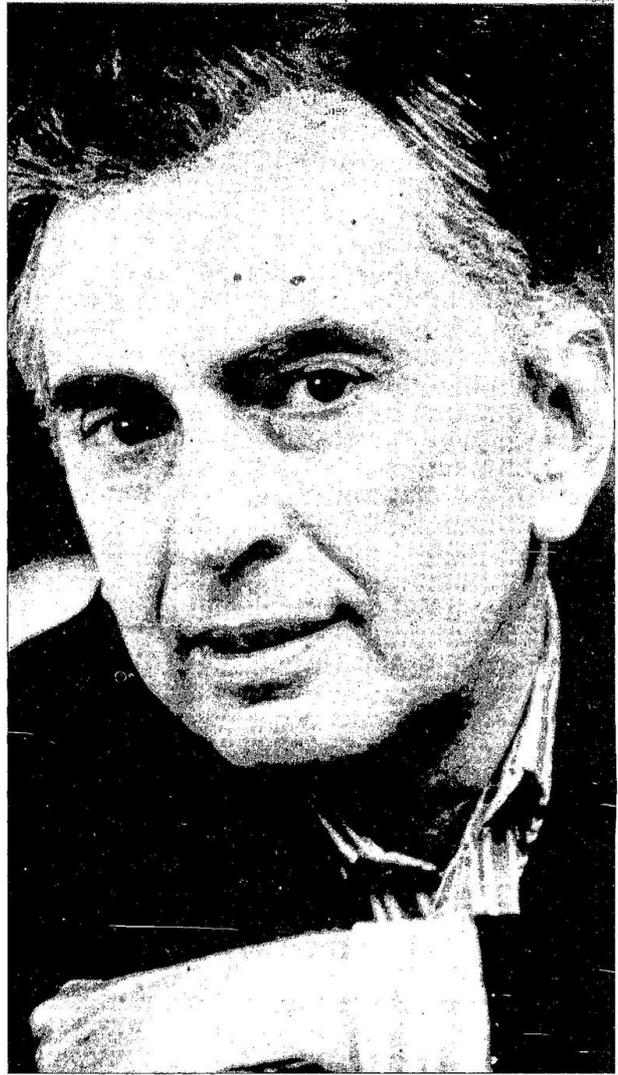
Opiniões e exuberância verbal são o melhor do livro

Uma casa confortável, com três criados, sala em torno de US\$ 6 mil ao ano. Uma viagem à Europa, em camarote de primeira classe, não ia além dos US\$200. Uma das virtudes de "1876" é o uso, razoavelmente discreto, que Vidal faz de tais detalhes, mantendo-os quase sempre como mero pano de fundo. Se os sentimentos mais escancarados aqui do que em "Burr", a culpa é do ritmo, mais lento, de "1876". O ano que dá título ao livro só começa efetivamente na página 150.

"Um homem corpulento com expressão simplória, três queixos entalados num colarinho exageradamente alto, (...) o nariz arrebitado, a mandíbula quadrada de um holandês que deixou a juventude para trás". É assim que o próprio Schuyler se descreve, a partir do desenho de um ilustrador. Como o Philip Marlowe de "A dama do lago", na versão cinematográfica de Robert Montgomery, Schuyler só consegue ser descrito fisicamente de forma reflexiva. Narrativas na primeira pessoa enfrentam esse tipo de obstáculo, mas oferecem outras vantagens — principalmente se o autor for um literato dotado de alguma exuberância verbal. E seu supergênero, um sujeito brilhante e opinioso como Vidal. Daí porque o melhor de "1876" são as pérolas do pensamento de Schuyler-Vidal. Como esta: "O corpo de um ditador à presidência é bem mais importante do que o conteúdo de sua mente, se houver algo dentro dela".

E esta: "As sociedades católicas são mais agradáveis de se viver do que as protestantes porque não são nem um pouco cristãs".

E esta: "Os americanos sempre viveram por inteiro no presente, e esta geração (Schuyler refere-se aos repórteres de Nova York que foram entrevistado na sua chegada) não é nada diferente da minha, a não ser pelo fato de que agora há uma maior quantidade de passado que eles ignoram". ■



GORE VIDAL: "O corpo de um candidato à presidência é bem mais importante do que o conteúdo de sua mente"

Sob a luminosa sombra de Cyrano de Bergerac

Publicação da edição bilingüe com tradução primorosa de Porto Carreiro relembra centenário da obra

Ivo Barroso

Não fosse pela esperada edição bilingüe que a Topbooks promete ainda para este ano, com a tradução brasileira do escritor pernambuco Carlos Porto Carreiro, e teria passado sem registro entre nós o centenário de um dos maiores eventos do mundo teatral: a estréia de "Cyrano de Bergerac", de Edmond Rostand, no Teatro da Porte-Saint-Martin, a 28 de dezembro de 1897. Tentativas isoladas de uma exposição de livros e fotos e de uma conferência sobre a peça, o autor, seus personagens e tradutores não encontraram suporte nem mesmo das autoridades culturais francesas. No entanto, o espectador e o leitor de hoje estão longe de imaginar o que foi o sucesso dessa estréia e o da publicação da peça em livro, que vendeu 125 mil exemplares no ano de seu lançamento.

A euforia começou logo no primeiro ato e com a entrada de Cyrano em cena, representado pelo famoso Coquelin aîné, que contava na época com 56 anos. No intervalo do terceiro ato o sucesso já estava tão garantido que Rostand foi condecorado com a Legião de Honra no camarote presidencial;

e, finalmente, quando o herói expirava dizendo "Meu penacho!", o delírio toma conta da plateia, os aplausos se prolongam por duas horas inteiras, o público invade o teatro e carrega para o bulevar os artistas que, no calor do entusiasmo, nem sentem o frio daquela noite de dezembro europeu.

Peça já foi encenada mais de 14 mil vezes só na França

Por mais que os críticos tentem rotulá-la hoje de datada e *démodée*, e alguns pedantes literários insistam em depreciar suas qualidades poéticas, toda vez que esta obra surge em nova apresentação — seja no palco, cinema, vídeo, disco ou livro — faz com que a legião de seus admiradores se engrosse de novos milhares de jovens que ainda não a conheciam. Encenada mais de 14 mil vezes só na França, motivo de quatro filmes, duas óperas, um balé, discos, um musical e traduzida em todas as línguas vivas, seu sucesso indeclinável só pode ser explicado pela genialidade de sua concepção e a beleza correspondente de sua feitura.

Quando à tradução brasileira da peça, devido à pena do escritor Carlos Porto Carreiro (1865-1931) e publicada em livro em 1907 (dez anos depois de sua es-

tréia na França) — a absoluta fidelidade ao texto e ao espírito do texto, sem nada omitir, nem modificar sua estrutura, mas sem o menor servilismo, "arrancando do português falsas que cegam", às vezes mais ardentes que as do próprio original — esta consegue transmitir ao leitor de língua portuguesa toda a ductilidade do idioma francês, a sua verve e suas peripécias verbais, sem se desviar da rigorosa vernaculidade cultivada à época pelos grandes escritores de nosso idioma.

Curiosamente o sucesso de "Cyrano" se deve em parte a um retrocesso: longe de ser um passo à frente no teatro de seu tempo, Rostand entoa nele o canto do cínico do Romantismo... Com um atraso de 70 anos. Ou, como se expressava Jules Lemaitre a propósito: o triunfo de "Cyrano" não foi o início de uma nova era teatral, mas antes o fim de outra. Eis aí todo o paradoxo da obra de Rostand: ter escrito uma comédia heróica em cinco atos, em versos alexandrinos rimados ou parelhados, numa época em que o palco francês era dominado pelo teatro de cunho social, com dramas realistas de vanguarda levados no "Théâtre Libre" e no "Théâtre de l'Œuvre", tais como "Senhorita Júlia" e "Os credores", de Strind-

berg e "Peer Gynt", de Ibsen.

A princípio não faltou quem dissesse que o sucesso da peça se devia a seu intérprete principal, Constant Coquelin. Escrita especialmente para ele, o ator sempre exigia mais "falas" para seu personagem, acabando por ficar senhor de 1.400 alexandrinos, um recorde de atuação para peças de vários personagens. Mas o êxito constante e crescente da peça continuou após sua morte em 1906, com mais de uma centena de intérpretes até hoje. Os mais recentes foram Jacques Weber, em 1983; nesse mesmo ano, na Inglaterra, Derek Jacobi e, em 1990, Jean-Paul Belmondo. Agora, no centenário, Jérôme Savary remonta a peça com Francis Hustler no papel principal e sua mulher, a brasileira Cristiana Reali, no de Roxane.

Texto transcende o teatro e é obra literária de grande beleza

Peça de custosa montagem (mais de 40 personagens, guardarroupa do século XVII etc.), a insuperável tradução de Porto Carreiro nunca chegou a ser encenada entre nós, salvo por alguns fragmentos na televisão. O Cyrano de nossos dias ganhou popularidade através do cinema, graças à performance de José Ferrer (1950),

que lhe valeu o Oscar, e a de Gérard Depardieu, 40 anos depois. Visto hoje, o filme de Ferrer, em preto-e-branco, nos parece um tanto bisinho, e sua cartilagem nasal chega ao caricato. Salva-se a magnífica inflexão abarrotada do ator. E Depardieu encarna definitivamente o moderno Cyrano, a imagem do brutamonte de coração romântico.

O problema do Cyrano-texto está todo no fato de que já não se fala como antigamente, havendo poucos valentes que se expressem com fluência. Por esse motivo, a tradução de Porto Carreiro pode parecer hoje um pouco defasada, ou envelhecida, vazada que foi numa linguagem escorrelamente vernácula. Na verdade, ela é um clássico de nossa língua, que nos oprime preservar, e transcende o teatro: é obra literária de grande beleza, um poema de qualidades incontestes. Diferentemente da sombra do nariz no muro do jardim, que fazia Cyrano sair de seus devaneios para voltar à torpe realidade, esta tradução, sombra luminosa do original, nos faz sair do estreito mundo em que vivemos para desfrutarmos um momento de sonho na Lua de Cyrano e de Rostand. ■

IVO BARROSO é ensaísta e tradutor

RODAPE

• SALÃO DO LIVRO

Foi aprovado pelo Ministério da Cultura o projeto dos stands que representarão o Brasil como país homenageado do 18º Salão do Livro de Paris, em março de 1998. O primeiro stand, com 300 metros quadrados, acomodará 12 mil títulos, e o segundo, com 150 metros quadrados, abrigará uma exposição institucional, com obras de autores brasileiros traduzidas para o francês e uma biblioteca básica da literatura brasileira, composta por 300 livros, selecionados pelo Departamento Nacional do Livro, da Fundação Biblioteca Nacional. Estão sendo esperados 300 mil visitantes e 35 escritores brasileiros estarão presentes como convidados.

• MANOEL DE BARROS

A Record está reeditando mais uma obra do poeta Manoel de Barros: "Livro de pré-coisas. Roteiro para uma excursão poética no Pantanal". Em seus poemas, o autor declina o "latim dos sapos", a "escritura da luma" e a "caligrafia da chuva", entre outros enigmas. Barros foi vencedor do Prêmio Nestlé de Literatura deste ano, com "Livro sobre nada".

